

Leonor Martins Coelho

Thierry Proença dos
Santos

Centro de Artes e
Humanidades da
Universidade da Madeira

A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DE AMBIENTAÇÃO MADEIRENSE: CONTRIBUTO PARA UM PLANO REGIONAL DE LEITURA

Partiremos do pressuposto de que a formação de leitores deve começar cedo para que em idades mais avançadas tenhamos uma comunidade interessada num referencial literário e cultural abrangente. Essa formação procurará desenvolver no leitor uma predisposição não só por uma literatura-mundo, definida a partir do cânone literário académico, mas, também, por uma literatura empenhada em valorizar a cultura regional a que pertence, com enfoque no conhecimento do lugar onde vive e na sociedade em que evolui, pondo em evidência o elo comum no respeito da diversidade cultural.

Propomo-nos, assim, estudar os artefactos literários que proporcionam ao jovem leitor esses conhecimentos, quer como fruição estética, quer como consciência crítica, porque são passíveis de auxiliar professores da Região Autónoma da Madeira (R.A.M.) nos seus projetos de educação literária e artística. Tal desígnio não se apresenta como tarefa fácil, visto o livro, enquanto dispositivo a exigir maior esforço na concentração e na interpretação, concorrer com a cultura de massa e com os novos suportes de informação, verbal e audiovisual, mais interativos e intuitivos. Para os referidos projetos serem bem-sucedidos, será preciso que os principais mediadores e intervenientes estejam devidamente informados das possibilidades de que dispõem.

Tirando as sempre honrosas exceções de que vai havendo pontualmente notícia ou prova, quando procuramos apreciar o modo como as instituições culturais e de ensino da R.A.M. contemplam os autores e a literatura que expressam a memória, o imaginário, a arte e o documental plasmados neste espaço atlântico, ficamos com a

sensação, ainda que assente num conhecimento empírico e impressivo, de que são pouco valorizados, mal conhecidos e, por conseguinte, submetidos a abordagens superficiais. Embora instituições tenham vindo a manifestar a intenção de alterar este cenário, a verdade é que a aparente inércia e a escassez de meios, tais como leituras críticas e materiais didáticos, teimam em manter o atual estado das coisas. Prova disso é a lista do Plano Regional de Leitura da Madeira que circula na net. Dadas as incongruências que encerra, merecia ser revista e debatida de modo mais informado. Pretendemos deixar aqui o nosso contributo para uma discussão que urge ser feita.

Apresentaremos uma breve história da Literatura Infantil e Juvenil no arquipélago da Madeira, com vista a perspetivar a sua evolução. Seguidamente, faremos uma proposta aberta de critérios e de livros com o fito de contribuir para a elaboração de um plano regional de leitura, perspetivando-o através de um discurso literário social e culturalmente consequente.

1. A Literatura Infantil e Juvenil no arquipélago da Madeira

No meio cultural madeirense, escritores tem havido que dedicaram ou dedicam particular atenção à literatura infanto-juvenil, seguindo o padrão geral para esse tipo de discurso ou de livro, distribuído por narrativas, peças teatrais, poemas, canções e recolhas da tradição oral (contos, lendas, anedotas, adivinhas, trava-línguas, lengalengas e provérbios). Todavia, na Madeira, à semelhança do que observa Ana Margarida Ramos (2009: 5) a respeito do atual mercado livreiro nacional, os “géneros mais publicados continuam a ser as narrativas, nomeadamente, o conto (isoladamente ou coletâneas), a novela e o romance (no segmento juvenil) e o álbum”.

No que diz respeito à escrita de contos originais, os autores que se têm revelado mais produtivos são Maria do Carmo Rodrigues (1924-2014)^[84], Maria Aurora

84 Sobre a literatura infantil e juvenil produzida por esta escritora, v. Leonor Martins Coelho, “A Literatura para a Infância e Juventude de Maria do Carmo Rodrigues”, in Petrov, Petar; Sousa, Pedro Quintino de; Samartim, Roberto López-Iglésias & Torres Feijó, Elias J. (eds.): *AVANÇOS EM Literatura e Cultura*

Carvalho Homem (1937-2010)^[85], Irene Lucília Andrade (1938-)^[86], Octaviano Correia^[87] (1940-), José Viale Moutinho (1945-)^[88], Francisco Fernandes (1952-), António Cruz (1962-) e Isabel Fagundes (1966-). No âmbito do romance ou

Portuguesas. Século XX. Vol. 3, Santiago de Compostela - Faro, Associação Internacional de Lusitanistas - Através Editora, 2012, pp. 265-281.

85 V. Leonor Martins Coelho, “Maria Aurora e os Livros para a Infância”, in Santos, Thierry Proença dos (org.): *Leituras e Afectos: Homenagem a Maria Aurora Carvalho Homem*, Vila Nova de Gaia, Exodus, 2010, pp. 149-157.

86 Irene Lucília é uma criadora multifacetada. Nos anos sessenta, realizou como locutora no Posto Emissor do Funchal, o programa “Domingo, de manhã” destinado a uma audiência infantil. Nos anos 1969-1971, foi colaboradora efetiva do projeto editorial *A Canoa* que, no seu primeiro formato, se publicou como suplemento do *Eco do Funchal* (com 4 páginas), e, seguidamente, se transformou num periódico infanto-juvenil, sempre dirigido por Maria do Carmo Rodrigues. Além de ter publicado um ou outro conto e de pertencer ao corpo redatorial, o trabalho de Irene Lucília consistia sobretudo na ilustração de textos e da publicidade. Em 1979, publica o livro de contos *Histórias Que o Vento Conta* (Ilhatur). Algumas destas narrativas breves serão incluídas em obras didáticas, por exemplo *O Mundo da Linguagem* (ASA, Porto) e *O Tapete Mágico* (Porto Editora). Ficaram por publicar *Versos da Folha Verde* e *Contos Alegres do Inverno*. Nesse mesmo ano, escreve duas histórias a convite de Maria Alberta Menéres para serem integradas no programa Infantil da RTP (nacional) coordenado por aquela escritora, que vieram a ser contadas por Irene Cruz e Eunice Muñoz, uma delas com o título “uma velhinha chamada História”. Nos anos oitenta, inicia a sua carreira de letrista para canções de receção infanto-juvenil, alguns editados em disco e em obras orientadas para o ensino. Nos anos 1988-1992, escreve “Presentes... e recadinhos” para o suplemento infantil “Diário da Malta do Manel” do *Diário de Notícias* do Funchal. Em maio de 2006, a Companhia “Contigo Teatro” apresenta *Contando e Brincando*, texto criado pelo grupo, com uma cena inspirada num texto de Irene Lucília e encenação de Maria José Costa.

87 Octaviano Correia é um dos pioneiros da literatura para crianças em Angola, a par da ilustradora Eugénia Neto, mulher de Agostinho Neto, de Dário de Melo e de Gabriela Antunes. Essa modalidade literária surge por volta de 1972 e deriva em grande parte das fábulas da tradição oral. V. p. 61 do artigo de Gérald Moser, “Le nain face aux deux géants: les îles du Cap-Vert devant l’Angola et le Mozambique, vues à travers leurs littératures”, pp. 57-61, in *Notre Librairie – Revue du livre: Afrique, Caraïbes, Océan Indien*, n.º spécial “Littérature du Cap-Vert, de Guinée-Bissau, de São Tomé et Príncipe”, Paris, Clef, n.º 112, janvier-mars 1993. V., também *Na Tessitura dos Signos Contemporâneos: Novos Olhares para a Literatura Infantil e Juvenil* (São Paulo, Paulinas, 2009, pp. 85-99) em que a autora, Maria Zilda da Cunha, analisa o diálogo intertextual e interarte entre a narrativa de Octaviano Correia, *O País das Mil Cores*, de 1980, e as vozes e olhares de uma Angola pós-independente.

88 V. Leonor Martins Coelho e Thierry Proença dos Santos, “Narrativas biográficas e mediação artística e cultural: o contributo de José Viale Moutinho”, in *Agália – Revista de Estudos na Cultura*, n.º 105, Santiago de Compostela, 1.º semestre (2012), pp. 105-117. Disponível em: <http://www.agalia.net>.

novelas para adolescentes sobressaem Maria Francisca Teresa (1871-1964)^[89], Maria do Carmo Rodrigues, Ana Teresa Pereira (1958-)^[90], António Castro^[91] (1959-) e Francisco Fernandes^[92]. Deve-se o importante trabalho de recolhas da tradição oral para fixá-lo e transmiti-lo às gerações vindouras a nomes como Rodrigues de Azevedo (1825-1898), Pe. Alfredo Vieira de Freitas (1908-1993), Maria da Conceição Oliveira Caldeira (1925-2011), Lígia Brasão (1945-)^[93] e José Viale Moutinho. O teatro infantil foi ganhando expressão na Madeira, graças a Bernardete Falcão (1924-), Lígia Brasão, José Viale Moutinho e Cíntia Palmeira (?). No entanto, outros nomes são de referir na confeção do texto dramático, desig-

89 É o pseudónimo literário de Laura Veridiana Castro e Almeida Soares. Para mais ampla informação, v. Thierry Proença dos Santos, “Maria Francisca Teresa: três livros para crianças, três instrumentos pedagógicos e doutrinários”, *VEREDAS* 20, Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, Santiago de Compostela, 2013, pp. 155-176.

90 V. Leonor Martins Coelho e Thierry Proença dos Santos, “A *formula fiction* segundo Ana Teresa Pereira”, in *Reflexos, Revue pluridisciplinaire du monde lusophone*, n.º 2, Université de Toulouse II - Le Mirail, 2013. Disponível em: http://e-revues.pum.univ-tlse2.fr/sdx2/reflexos/article.xsp?numero=2&id_article=Varia_02proencadoc-508. Saída em finais de 2014, depois de realizada a presente abordagem, a narrativa juvenil, *A Estalagem do Nevoeiro* (editada pela Relógio d'Água, na sua coleção “Universos Mágicos”), não foi tomada em conta. A julgar pelas suas qualidades, esta obra, numa próxima reavaliação dos livros selecionados, apresenta todas as condições para constar de um futuro “cânone”.

91 António Manuel de Castro reside no Funchal desde 1982. Em 1988, publica *Ser Criança*, o seu primeiro livro de poesia infanto-juvenil, com a chancela da Secretaria do Turismo e da Cultura-DRAC. Desde então escreve letras para canções infantis, tendo vencido vários prémios de “Melhor Letra” em festivais regionais, nacionais e europeus. Tem vindo a desenvolver projetos editoriais, em que nunca deixa de exaltar a infância, focando ora o imaginário afeto à História da Madeira e as vivências dos insulares, como em *Funchal: Uma Promessa de Vida* (2009), sob os auspícios da Câmara Municipal do Funchal, ora a fantasia de intenção crítica de costumes, como em *No Reino dos Penteados* (2012), materializado pela Editora Modocromia. Em colaboração com ilustradores inspirados – Elisabete Henriques, para o primeiro título, e Bruno Balegas de Sousa, para o segundo – António Castro deu ainda à estampa duas narrativas de recorte poético e de evidente intenção didática, *Maior do que a Lenda* (2008), sob a mediação do Funchal 500 Anos (este livro veio a ser objeto de um estudo intitulado *Análise da Obra Maior do que a Lenda de António Castro*, de Silvina Serrão, Madeira, Eco do Funchal, 2009), e *A Fogueira Dorme na Bruma* (2011), editada pela 7 Dias 6 Noites, que tiram a sua matéria do conhecimento e do imaginário que a Ilha acalenta.

92 V. Leonor Martins Coelho, “A Literatura de receção Infantil de Francisco Fernandes: propostas de fruição, escritas de formação”, in *Islenha*, nº 49, Funchal, DRAC, jul.-dez. 2011, pp. 43-54.

93 V. Maria Lígia Lopes Brasão, *Brinquedos Tradicionais Cantados. Lengalengas e Trava-linguas*, Lisboa, Editorial O Livro, s.d..

nadamente Maria do Carmo Rodrigues^[94], Magda Paixão (?)^[95], Maria Aurora^[96] e Francisco Fernandes^[97], já que textos seus foram encenados e exibidos ao público, embora não tenham sido ainda publicados. No tocante à poesia para os jovens, as propostas são reduzidas; somente António Marques da Silva (1900-1978), Maria do Carmo Rodrigues e António Castro se aventuraram nesse género literário^[98]. Ainda assim, embora não sendo uma obra pensada para jovens leitores, o livro de poesia *Lembro-me desses Natais*, de José António Gonçalves (1954-2005), com ilustrações de Maurício Fernandes (1951-2001), publicado em 2000, apresenta uma linguagem e conteúdos temáticos que se adequam a atividades de iniciação do pré-adolescente e do adolescente à poesia. Em contrapartida, a letra de canção atraiu e tem inspirado variados autores, nomeadamente Irene Lucília, Fátima Pitta Dionísio (1950-)^[99], Maria Aurora, António Castro, Lígia Brasão, Margarida Gonçalves Marques (1929-), Magda Paixão e António Cruz.

Contudo, não se pode considerar que este meio literário se tenha construído na própria tradição. Apesar da sua reduzida dimensão, esse meio nem sempre teve

94 É autora de várias peças: *A Dança da Vida*, representada em 1955 pelas Guias de Portugal, no Teatro Baltazar Dias; *Tarde Infantil – Natal*, encenada em 1956 no Casino da Madeira; *A Quinta das Algas*, *Tempo de Juventude* e *Noite de Vendaval – Noite de Estrelas*, transmitidas em 1967 pela antiga Emissora Nacional; *Laura, o Balão e os Óculos*, transmitida em 1983 pela RTP e *João Bem-Bom e João Bem-Mau*, posta em cena em 1987 pelo “Pequeno Teatro” e subsidiada pela Fundação Gulbenkian para ser levada às Escolas.

95 Para o Teatro Experimental do Funchal, Magda Paixão escreveu: *Iria e Biritá* (2000), *A Tia Proezas* (2001), *A Menina do Sorriso Branquinho* (2002), “Um Bolo de Mel para o Cusca” (2012). Todas estas peças foram encenadas por Eduardo Luíz.

96 V. o repertório dos Fantocheiros da Madeira: *Uma Aventura nas Desertas*, *Uma Estrelinha Dorminhoca*, *Pai Natal a toda a Velocidade* e *À Descoberta da Madeira*.

97 Francisco Fernandes escreveu uma peça de teatro, adaptada a telefilme, *O Natal de Joana*, realizada e transmitida pela RTP-Madeira, no Natal de 2004. V. também o repertório dos Fantocheiros da Madeira: *Basta que sim*, 2006.

98 Há notícia de Rogério Correia (1908-1991) ter escrito poemas dedicados a crianças nos anos 1940-50, mas desconhecemos esses textos.

99 Comunicou publicamente ter dois livros inéditos para crianças.

consciência de si ou conhecimento do seu passado, o que não tem favorecido a legitimação das suas atividades ou produções. Com um mercado inconsistente para viabilizar projetos mais ambiciosos e sustentáveis, carecendo do suporte de uma crítica estruturante, os primeiros escritores de literatura infanto-juvenil, com vínculo à Madeira, só tornaram possível a continuidade dos seus trabalhos literários com longas estadas no continente e ligando-se a editoras de dimensão nacional. Assim fizeram Maria Francisca Teresa, Maria do Carmo Rodrigues e Ana Teresa Pereira, no séc. XX. No entanto, ainda no decorrer do século passado, foram várias as tentativas para se lançar as bases de uma produção ficcional e atividades conexas regulares destinado a um público infanto-juvenil. É, por exemplo, com a secção quinzenal de meia-página chamada “Diário de Notícias Infantil”, mantida entre 1927 e 1931, no *Diário de Notícias*, por Laura de Castro Soares (verdadeiro nome de Maria Francisca Teresa), e, posteriormente, com o periódico “A Canoa”¹⁰⁰, vindo a lume entre 1969-1971, lançado pela jornalista Maria Mendonça (1916-1997), e continuado pela escritora Maria do Carmo Rodrigues, que se geraram estímulos na Ilha suscetíveis de fomentar novas vocações nessa escrita específica.

A partir de 1979 – Ano Internacional da Criança, sob os auspícios da UNESCO – surgem interessantes projetos editoriais concretizados por autores vindos de outros horizontes e que se instalaram na Madeira: Maria Mendonça e as suas Edições Ilhatur¹⁰¹, Bernardete Falcão¹⁰², Maria Aurora, António Castro e Octaviano

100 Sobre os periódicos para a infância e juventude na Madeira, v. Carla Barros, *Leituras lúdico-pedagógicas: os suplementos infanto-juvenis na Madeira*, dissertação de Mestrado apresentada à Universidade da Madeira em 2013.

101 Lança a primeira coleção de livros para crianças, intitulada “Canoa”, composta e impressa a cores na Madeira: *Histórias que o Vento Conta* (n.º 1, 1979) de Irene Lucília; *Mimi e os Sapatinhos* (n.º 2, 1979) de Luíza Helena (pseudónimo de Luíza Helena Clode); *Camélias Brancas* (n.º 3, 1980) e *Sebastião, o Índio* (n.º 5, 1982), de Maria do Carmo Rodrigues e, finalmente, *Os Anjos Descem* (n.º 4, 1981), de António Marques da Silva.

102 Em 1983, Bernardete Falcão, poeta e ensaísta, publica o livro *Andorinha e as Árvores Falantes*, numa edição da Câmara Municipal do Funchal. Este conjunto de quatro peças infantis foi encenado pelo TEF, em 1984, “com adereços desenhados pela artista plástica Manuela Aranha, diretora regional da cultura” aquando da abertura do Teatro Municipal de Baltazar Dias, após ter estado encerrado para obras. V. Lília Bernardes, “Breve Viagem pelo Teatro na Madeira” em *A Madeira na História: Escritos sobre a Pré-Autonomia*, 2008, p. 54.

Correia. O século XXI trouxe novas medidas e melhores condições de divulgação: mobilizam-se escolas e bibliotecas, surgem editores do continente interessados em explorar o mercado regional e em descobrir na Ilha talentos, quer na ilustração, nomeadamente José Nelson Pestana Henriques (1982-), Elizabete Henriques (1972-), Eugénio Santos (1969-), Luísa Spínola (1962-) e Paulo Sérgio Beju (1971-), quer na escrita, como Fátima Veríssimo (1955-), Lília Mata (1967-), António Fournier (1966-), Nuno Morna (1961-) e Graça Alves (1964-), que prometem obra literária mais ampla e de valor. Alguns autores, a exemplo de Maria do Carmo Rodrigues, Maria Aurora, Francisco Fernandes e António Castro, veem a literatura infanto-juvenil como um possível instrumento de coesão social, de preservação de valores, de fortalecimento de compromissos e raízes com a comunidade em que se inserem. Por outro lado, a produção literária e respetivos criadores ganham maior visibilidade a nível nacional, por uns tempos.

Ainda assim, o sistema literário madeirense mantém-se deficitário, irregular, condicionado por certo desinteresse do público insular pela criação artística local, pela ausência de crítica especializada e por ser ainda considerada por muitos, com suspeição, uma escrita fácil, ao sabor das circunstâncias. Essa presumível suspeição, não isenta de fundamentos, revela-se através da crítica desabusada que Irene Lucília Andrade faz, no seu diário *Um Lugar para os Dias*, ao descrever a Literatura Infantil e Juvenil criada nos últimos anos nestes moldes:

o habitual repertório em catadupa que vai aparecendo nas livrarias; as picardias com animais, as doçuras com flores, o peso da ecologia a fazer as cabeças com a proteção das árvores e do ambiente, *slogans* prementes mas às vezes de insistência fastidiosa. E mais as fantasias com monstros virtuais e tecnologias esmagadoras. (Andrade, 2013, p. 115)

Na primeira metade do séc. XX, os textos produzidos, quer em livro, quer na imprensa, dirigem-se a crianças de famílias que pertencem à elite económica. Constituindo-se uma nova paisagem social nos anos cinquenta a setenta, por via

de um processo de escolarização mais abrangente e de efetivação de uma classe média urbana, os autores alargam o leque de destinatários: a ficção original, quer no género dramático, quer no género narrativo, e o jornalismo infanto-juvenil (ora suplemento, ora jornal independente) afastam-se do teor moralizante e disciplinador de outros tempos para ser mais polissémico, procurando cativar não somente crianças como também pré-adolescentes e adolescentes. Difunde-se a ideia de que é bom proporcionar às crianças – sem negar a existência de dificuldades – brincadeiras, fantasia, curiosidades, tempo de férias e experiências gratificantes e formativas.

Desde os anos oitenta ao tempo presente, volta a predominar uma literatura destinada à criança entre os oito-doze anos. Timidamente, surgem os primeiros livros de BD^[103], um médium com pouca tradição em Portugal, mas que passa a ser visto como uma linguagem narrativa com grande poder de atração junto dos jovens e, por isso mesmo, um instrumento pedagógico de difusão cultural não negligenciável. Na década de noventa e, sobretudo, a partir do novo milénio, multiplicam-se os projetos literários que visam um destinatário preferencialmente pré-adolescente ou adolescente. Desta feita, o leque de ofertas literárias produzidas na Madeira vai abranger todas as faixas etárias e diversifica-se a galeria de heróis, visto a maturidade física e intelectual do herói, ou do sujeito poético, coincidir com o leitor a que se destina, possibilitando o espelhamento deste no texto.

Em todo o caso, a par inicialmente da tradição das narrativas dialogadas, a exemplo dos livros de Maria Francisca Teresa, o conto tornou-se o modo narrativo

103 *Beto e Beta*, com texto de Marcela Costa e desenho de Marcelo Costa, Funchal, DRAC, 1985; *10 Anos de Autonomia*, com texto de Margarida Gonçalves Marques e desenhos de Rui Relvas, Funchal, Secretaria da Educação, 1986; *Contos do Pe. Alfredo*, com texto e ilustração de Rui Soares, Funchal, DRAC, 1987; *Madeira: da Floresta Primitiva ao Jardim Botânico Actual*, de Raimundo Quintal, 1954-, (texto) e Celso Caires, 1958-2014, (desenho), Funchal, Clube de Ecologia Barbusano, 1989; *Matilde e Alexandra num Natal Tradicional*, com guião de Filipa Silva, Paulo Esteireiro e Tiago Machado e desenhos de Tiago Machado, Funchal, Associação dos Amigos do GCEA, 2008; *No Funchal, o Maquinista*, com argumento de António Fournier e desenho de Marco Avoletta, Funchal 500 anos, 2009; *Os Sonhos do Maravilhas*, com argumento de Francisco Fernandes, desenho de Roberto Macedo Alves e Valter Sousa e passatempos de Raúl Pestana, Funchal, Club Sport Marítimo da Madeira, 2010.

de eleição. A preocupação doutrinária (o catolicismo), moralista e pedagógica^[104] deu lugar a temas ligados a uma nova perspetiva educativa e sociocultural encetada nos anos setenta do século passado e prolongada até à atualidade. Nesse período de viragem, parte da produção textual dirigida aos leitores em fase de crescimento encontra-se dispersa por alguns periódicos da imprensa regional, soprando novos valores, como o humor e a crítica; assiste-se então a uma literatura que questiona a realidade vigente, ao mesmo tempo que propõe modelos de conduta inovadores – sem deixar de refletir a estratificação social da época –, o altruísmo e a fraternidade, a liberdade e a justiça, a seriedade e a sinceridade.

Na verdade, como refere Ângela Balça (2008, p. 2), os “textos de literatura infantil não são inocentes, e para além de encerrarem em si mesmos valores literários e valores estéticos, estão igualmente impregnados de valores sociais e de valores éticos”. Um bom exemplo disso é o livro *O Vencedor*, de Maria do Carmo Rodrigues, primeiramente editado pela Ática em 1973 e reeditado em 1990 com a chancela das Edições Vela Branca, que relata a aventura dos filhos de uma família abonada, durante as férias de verão, entre o Monte e a Ribeira Brava, em torno da construção de uma canoa. Com esta novela, passou-se a descrever e a questionar a realidade madeirense por intermédio de um registo ora poético, ora humorístico, urdido com circunspeção. Em seguida, a série “A Casa” de Ana Teresa Pereira, da Editorial Caminho, vem a público nos anos 1991-1992. Os livros encenam as aventuras, num registo policial, de um pequeno grupo de cinco heróis. Os quatro miúdos e o cão desvendam mistérios por vários lugares recônditos da ilha da Madeira. Igualmente em 1991, Maria Aurora publica, na Editorial Notícias, a história de *Juju, a Tartaruga*^[105], destinada a leitores iniciais e inspirada no episódio da maré negra que conspurcou a praia do Porto Santo, em 1990. Em 1995, Octaviano Correia reúne alguns textos publicados no suplemento infantil “A Malta do

104 No peritexto do livro *Uma Rapariga Moderna*, publicado em 1961, de Isaura de Passos Jardim (1892-1980), vem a informação de que a referida autora tinha no prelo um projeto literário de contos infantis. De acordo com o obituário que o *Jornal da Madeira* dedicou à escritora, na sequência da sua morte, o título previsto para essa obra, que continua inédita e talvez perdida, era *O Sorriso do Menino Jesus*.

105 Na edição de estreia, a narrativa é ilustrada por Maurício Fernandes.

Manel”, do *Diário de Notícias* local, e lança *Histórias com Gente Dentro*, alternando culturas e tradições através de narrativas que cruzam o imaginário angolano com o madeirense. Visando à partida um público adulto, o livro de memórias de uma infância passada na Madeira, *Histórias do Bertoldinho*, de Lília Mata, publicado em 1998, com a chancela da Câmara Municipal do Funchal, tornou-se caso de literatura anexada, visto professores e alunos o terem adotado para atividades de leitura e de interpretação na sala de aula na R.A.M..

Os projetos editoriais observados vêm propor ensinamentos e discursos adequados à sua época: sensibilização para questões que apelam a atitudes positivas, motivação para o desenvolvimento de um sentido crítico e estético, problematização de modelos de vida que concorram para uma realização pessoal.

De facto, a maior parte dos projetos literários dos autores da Madeira, sobretudo os que surgem no séc. XXI, inscrevem-se no interior das problemáticas e dos paradigmas socioculturais do seu tempo. Ainda de acordo com Ângela Balça (2008), os argumentos que emergiram a partir dos anos setenta do século passado na literatura infanto-juvenil portuguesa reenviam para as temáticas ambientais, multiculturais e políticas. Estes assuntos consolidaram-se, porque continuam a marcar as inquietações da sociedade contemporânea. Por questões ambientais, entendemos os mais diversos pontos como a defesa dos animais em vias de extinção, a denúncia da destruição do ecossistema, o desenvolvimento sustentado e respeitador da tradição. Quanto às questões multiculturais, foram desdobradas de tópicos relevantes como o Eu e o Outro, o encontro com a alteridade e a atitude dialogante, a aceitação da diferença e o respeito mútuo, a educação para uma sociedade inclusiva, contra as mais variadas formas de discriminação (de género, de raça, religiosa, etária, física, linguística, sexual...). No tocante às questões políticas, os discursos narrativos podem versar sobre a democracia e o livre arbítrio, a liberdade de expressão e a união entre todos, a crítica social e o ideal do progresso e do desenvolvimento, a denúncia da indiferença e a intervenção cívica e social.

No essencial, as temáticas traçadas pelos atuais autores da Madeira coincidem com aquelas que podemos observar no sistema literário português. No Arquipélago, as correntes temáticas dominantes apontam para a valorização do património

histórico, a sensibilização para problemas sociais, a aposta na educação artística, a defesa do meio ambiente¹⁰⁶, os encontros interculturais, a divulgação do imaginário local, a diversidade cultural e as identidades dialogantes. No entanto, registámos que a construção da autonomia política na Madeira constitui assunto ainda pouco tratado junto dos mais novos, se excetuarmos a BD, *Autonomia 10 Anos*, com guião de Margarida Gonçalves Marques e desenho de Rui Relvas, de 1986, e *A Couve de Albertina*, de 2013, com texto e ilustrações de Hélder Spínola (1973)¹⁰⁷, uma fábula aparentemente destinada a um leitor infantil, mas claramente configurada numa sátira política, dirigindo-se antes a um público adulto.

Na Madeira, a produção literária para jovens leitores reinventa mundos de fantasia com histórias de animais, seres mágicos (fadas, bruxas e anjos), objetos antropomorfizados, como acontece nalgumas obras de Maria do Carmo Rodrigues, Bernardete Falcão, Maria Aurora, José Viale Moutinho, António Castro, Isabel Fagundes e António Cruz. Revisita também as lendas locais, como em *Lendas da Madeira para Crianças*, por um coletivo de autores¹⁰⁸, em *A Magia das Lendas*, de Octaviano Correia, ou em *Maior do que a Lenda*, de António Castro. Inspira-se, ocasionalmente, ora na ficção científica, a exemplo de Francisco Fernandes com

106 A esse respeito, destacamos dois livros que mereciam ser mais valorizados, quer pela qualidade do texto como pela qualidade dos desenhos: a banda desenhada *Madeira: da Floresta Primitiva ao Jardim Botânico Actual*, com texto de Raimundo Quintal e desenho de Celso Caires, Funchal, Clube de Ecologia Barbusano, 1989, e o livro para crianças em fase de leitura inicial sobre as maravilhas naturais da Ilha: *Madeira Arca de Tesouros*, com quatro histórias de Fátima Veríssimo e ilustrações de Elisabete Henriques, Eugénio Santos, Nélia Suzana e Sónia Dória, Funchal, Associação dos Amigos do Parque Ecológico, 2008.

107 A narrativa *A Couve de Albertina* – uma auto-edição através da CreateSpace – apresenta-se como “uma fábula onde um mundo de insetos ironiza e interpreta o ridículo da economia e da política das últimas décadas, o percurso que nos conduziu à crise atual, não deixando de ser também uma crítica à atitude de um povo e aos métodos “democráticos” utilizados por quem detém o poder”, como enuncia a nota que lemos no semanário regional *Tribuna da Madeira*.

108 Veja-se o respetivo índice: “Lenda das Amoras”, por Adriana Mendes; “Lenda de São Silvestre”, por António Castro; “Lenda das Figuras de Alfenim – O Exército de Açúcar”, por António Fournier; “Lenda de São Vicente”, por António Pimenta; “Lenda da Capela das Almas”, por Graça Alves; “Lenda do Cavalum”, por Lília Mata; “Lenda do Terreiro da Luta”, por Maria do Carmo Rodrigues; “Lenda de S. Pedro de Santa Cruz”, por Violante Saramago Matos. O livro é ilustrado por José Nelson Pestana Henriques, Vila Nova de Gaia, 7 Dias 6 Noites, 2011.

o álbum *Ogima, o Viajante do Espaço no Planeta dos BMQ*¹⁰⁹, de 2012, ora na “bit lit” (histórias de vampiros), à semelhança de Cíntia Palmeira com a sua peça *Temível Drácula*, de 2008, sendo que estes dois livros não aludem ao referencial madeirense. Quanto à viagem iniciática, registámos um só exemplo materializado por António Fournier e Marco Avoletta, com a narrativa sequencial *No Funchal, o Maquinista*, de 2009, cujo universo conjuga imaginários ligados ao Funchal e a Veneza e relações intertextuais com a obra e a figura do escritor Ernesto Leal.

Assim, na sua maior parte, a atual produção literária de autores da Madeira situa-se numa literatura tendencialmente “concertante”, no dizer de Dominique Viart e de Bruno Vercier (2008, p. 9), porque capta o ar do tempo, recupera os estereótipos e acompanha as tendências do momento, mesmo quando algumas figuras do universo maravilhoso ou fantástico são mobilizadas para entrarem em cena e captarem a curiosidade e o interesse do público visado. No caso vertente, os autores ancoram personagens, cenários e situações no domínio da atualidade, permitindo ao leitor uma maior identificação com os mundos ficcionais propostos. Deste universo constam novelas focadas em problemas individuais e sociais¹¹⁰ (Maria do Carmo Rodrigues), memórias da Infância (Lília Mata), histórias de amizade (Maria Aurora), de descoberta das especificidades da Ilha (António Castro) ou de humor e senso crítico (Vale Moutinho). A narrativa policial ocupa igualmente um lugar de destaque, a exemplo de *A Joia do Imperador*, com pendor indagante e lúdico, de Maria do Carmo Rodrigues, bem como as séries “A Casa”, de configuração onírica com elementos fóbicos, de Ana Teresa Pereira, e “o Enigma”, de carácter resolutivo e didático, de Francisco Fernandes.

De fora parecem ter ficado, até à data, a narrativa romântica, a “chick lit”¹¹¹, o

109 Este conto foi levado à cena, em várias salas da Região, pelo Grupo de Mímica e Teatro OFICINA VERSUS, com a colaboração especial do Grupo de Iniciação ao Teatro (Grupos do Núcleo de Inclusão pela Arte - NIA / DRE) nos anos 2011 e 2012.

110 Este modelo ficcional coloca no centro da representação personagens femininas adolescentes em crise existencial, entregues a um processo de autorreflexão e de busca da identidade pessoal. Essas narrativas tendem a focalizar-se na aparência física, na moda, nas preocupações do quotidiano, nos problemas amorosos e nas profissões que fazem sonhar.

111 Veja-se a esse respeito o artigo “Representações do sujeito feminino no romance para adolescentes em Portugal – Da geração «fada-do-lar» à geração «Barbie»”, de Maria da Conceição

relato de medo e a fantasia épica. Estranhámos ainda nenhum autor se ter proposto a reinventar a lenda da Atlântida, mitos e utopias do mundo atlântico ou histórias de sereias. O diabo, os monstros – com exceção do dragão, da esfinge e da serpente marinha, que já não assustam ninguém –, os mouros e as mouras, as feiticeiras e as almas penadas do outro mundo, tão presentes na literatura oral tradicional, deixaram de ter lugar nestas ficções.

2. Uma proposta de leituras para debate

Nas páginas que se seguem, vamos apresentar uma proposta de leitura de livros para crianças e jovens referentes ao meio insular madeirense. Naturalmente, a nossa sugestão de obras no domínio da educação literária não ignora a vocação universal da literatura. Neste sentido, a proposta que enunciaremos não deve ser entendida como lista fechada sobre si-mesma, mas como instrumento de reflexão sobre o processo de recomendação de autores e obras, visando imaginar um ensino literário, construído numa perspetiva complementar – sublinhe-se a palavra “complementar” – ao cânone literário nacional, europeu, lusófono e universal, por afinidades eletivas de âmbito regional (percecionado como um “local sem paredes” na aceção torguiana).

Cientes de que experiências acumuladas no terreno poderiam contribuir para um entendimento apurado desta problemática, temos plena consciência de que a nossa proposta seria mais abalizada se tivéssemos tido a possibilidade de envolver docentes de escolas da R.A.M. para verificar se existe um sentimento generalizado de reconhecimento de uma lista de obras literárias comum. Este debate tornar-se-ia bem mais frutífero se se mobilizasse e responsabilizasse intervenientes do processo escolar.

Elaborar uma lista de autores e de livros apresentados como recomendáveis pressupõe uma discussão sempre difícil, por vezes, polémica – visto serem ques-

Tomé e de Glória Bastos, in Petrov, Petar; Sousa, Pedro Quintino de; Samartim, Roberto López-Iglésias & Torres Feijó, Elias J. (eds.): *AVANÇOS EM Literatura e Cultura Portuguesas. Século XX. Vol. 3*, Santiago de Compostela - Faro, Associação Internacional de Lusitanistas – Através Editora, 2012, pp. 235-252.

tionáveis as motivações de uma medida (política) desta natureza e visto ser muito ténue a fronteira entre objetividade e subjetividade, consenso e rutura, instrumentalização e emancipação –, mas necessária, porque é difícil conceber a existência de uma cultura sem referências maiores e porque, conforme sublinha Harold Bloom (2013, p. 29):

CÂNONE significa originalmente a escolha de livros nas nossas instituições de ensino e, apesar da recente política de multiculturalismo, a verdadeira questão do cânone subsiste: neste ponto tardio da história, que deve ler o indivíduo que ainda pretende ler?

Ao lançarmos o debate, não pretendemos legitimar qualquer conceito que reduza o escritor a uma condição de voz literária condenada a viver na margem em que supostamente se encontra, mas sim apontar textos literários com qualidades várias, num todo harmonioso, que “obriguem” os educadores, as escolas, os mediadores “mandatados” pela comunidade interpretativa e os próprios leitores a pensarem a cultura insular, o património regional e local e as identidades atlânticas, através de uma escrita que projete o arquipélago da Madeira no imaginário coletivo.

Na verdade, vale a pena defender a inclusão da literatura regional no currículo escolar, como observa Marta Helena Cocco (2009), se esse ensino literário for orientado para aprofundar quer o conhecimento da cultura local (incluindo as questões que se prendem com a comunicação literária), quer a reflexão sobre o mundo em que os alunos vivem, com todos os mistérios que nele se adivinham, bem como os modos de ser que a comunidade de que fazem parte integra. Partilhámos, aliás, da ideia de Paraskeva e Morgado (1998, p. 113), para quem a leitura é cultura e o curriculum um “processo permanente de diagnosticar as tendências e sensibilidades do tecido social, (revelando-se) sociedade, educação (...) em perfeita cumplicidade”. De facto, não faz sentido, na era da globalização, do contacto em rede e do excesso de informação, alhear os jovens alunos da realidade geográfica em que se desenvolvem, promovendo neles o desinteresse quer pelo seu contexto sociocultural, quer pelos agentes próximos de uma criatividade mais sofisticada.

Mantê-los numa situação de desconhecimento ou de indiferença relativamente aos textos da cultura local equivale a colocar cada um deles na pele de quem vive longe dos centros legitimadores, num “longínquo habitado”, para glosarmos o título do ensaio *La Distance habitée* de François Paré (2003). Essa ausência de imagens de si próprio e do seu entorno pode condenar o indivíduo à impossibilidade de se perspetivar, de se projetar enquanto membro de uma comunidade de destino, de se afirmar naquilo que foi, é e será.

A opção pelo referente geográfico determinará, assim, a nossa proposta, porque nos interessa estreitar os laços entre a literatura e o lugar a que pertence o jovem leitor. Neste sentido, as obras indicadas inscrevem-se numa referencialidade informada do arquipélago da Madeira, mas transfigurada pelos imaginários e pela escrita dos autores selecionados. Como não podia deixar de ser, tal escolha assenta na premissa de que a literariedade do texto recomendado deve proporcionar uma experiência estética de leitura, assim como o seu conteúdo constituir marcos culturais. Ora narrativa de espaço, ora discurso sobre esse espaço. Pelo viés da linguagem documentária, de valores simbólicos e da dimensão poética, importa-nos relevar, na esteira dos trabalhos de Michel Collot (2005; 2014), a inscrição de factos humanos e sociais num determinado espaço-tempo, a construção da paisagem envolvente como reflexo das mutações de uma mentalidade coletiva, a expressão da relação concreta, afetiva e simbólica que une o Homem aos lugares, a esses lugares de memória, da memória coletiva ou individual.

Daí a necessidade de abordar temas regionais e locais no Plano Regional de Leitura. Porém, não pretendemos impor uma lista de leituras tidas como obrigatórias, mas indicar obras que oferecem uma espécie de garantia de qualidade. Trata-se, por um lado, de discutir e definir critérios aceitáveis para ir ao encontro de uma arte da memória, suscetível de conferir ao jovem madeirense a possibilidade de dialogar, ao mesmo tempo, com o lugar onde reside e com o resto do mundo. Por outro, trata-se de orientar leitores e educadores na escolha de leituras, pois, como observa Harold Bloom (2013, p. 29): “Quem lê tem de escolher, pois não há literalmente tempo que chegue para ler tudo, mesmo que se não faça mais nada a não ser ler”. Trata-se, pois, de elaborar um instrumento de orientação para reforçar

o qualitativo em vez do quantitativo. Em todo o caso, caberá sempre ao docente escolher o suporte ou o objeto que melhor responde ao seu plano de aula, ora diversificando as experiências de leitura dos alunos, ora contrariando a tendência que os alunos revelam em escolher textos pouco desafiantes.

Na sequência da implementação do Plano Nacional de Leitura, em 2006^[112], não admira que as duas Regiões Autónomas da República Portuguesa, dadas as configurações históricas e geográficas de cada uma, passassem a prever, paralelamente ao cânone nacional e lusófono, um lugar no ensino para a literatura regional. Deste modo, os planos regionais de leitura, quer da Região Autónoma do Açores, quer da Região Autónoma da Madeira, apresentam-se “como complemento do Plano Nacional de Leitura (PNL).

O Plano Regional de Leitura dos Açores, patente no portal da Secretaria da Educação^[113], “contempla obras de autores ou de temática açoriana que não estejam incluídas na listagem nacional”, visto “como um processo dinâmico, que acompanha a evolução da literatura nacional e regional”. Na sua recomendação de leituras, elaborada por uma comissão coordenadora, uma comissão científica e uma comissão de honra, as referências bibliográficas estão cuidadosamente apresentadas, proporcionando ao público e a editores interessados nessa lista uma indicação completa.

Na Madeira, o Plano Regional de Leitura integrou alguns projetos inovadores de

112 Trata-se de uma medida política (Resolução do Conselho de Ministros n.º 86/2006 de 12 de julho) que visa, entre outros aspetos, “a diminuição de níveis baixos de literacia, o desenvolvimento de competências de leitura e de escrita, do gosto de ler e a criação de hábitos de leitura, tidos como fatores de desenvolvimento social, cultural, económico e político” (Gamboa, 2012, p. 1).

113 Transcrevemos os critérios para a elaboração da lista do Plano Regional de Leitura da Região Autónoma dos Açores, disponível no Portal da Secretaria Regional da Educação: “— Álbuns cuja qualidade estética permita, aos pré-leitores e leitores iniciais, um desenvolvimento harmonioso da sua sensibilidade, imaginação e inteligência; — Obras narrativas, líricas e dramáticas, de complexidade progressiva, que ofereçam uma leitura literária; — Obras clássicas de leitura infantil e juvenil, assim como narrativas providas do património tradicional; — Livros de natureza informativa marcados pelo rigor e adequação aos públicos infantil e juvenil; — Livros de atividades que potenciem uma leitura funcional; — Livros que, pelo seu conteúdo, possam ir ao encontro de projetos definidos em ambiente escolar ou similar”. Acedido junho 12, 2014, em: www.edu.azores.gov.pt/projectos/planoregionalleitura/Paginas/Comissoes-PRL.aspx.

incentivo à leitura e à escrita nas escolas, tais como o “Baú de leitura”, as iniciativas da associação Contigo Teatro, encontros com autores, livros com textos e ilustrações de alunos sob a supervisão de professores, feiras do livro ou a figura do animador de biblioteca. A lista das obras recomendadas para leitura recreativa, disponível em blogues^[114] – porém, ausente do Portal da Secretaria Regional da Educação –, deixou-nos perplexos, sobretudo pelo modo displicente como se apresenta: não expõe os critérios de seleção, não reflete sobre a escassez e a dispersão dos textos críticos, alheia-se da questão das obras esgotadas ou quase extintas e, no caso da lista de obras destinadas aos alunos de 3.º ciclo, apresenta várias lacunas. Essa lista desrespeita, efetivamente, títulos e nomes de autores, revelando um desconhecimento das obras recomendadas^[115]. Tais defeitos não abonam a favor dos responsáveis pela lista em causa, porque patenteiam uma indisfarçável desconsideração pelos escritores e livros elencados.

Visando expor uma proposta não arbitrária, procuramos identificar os “crivos” disponíveis para aferição do reconhecimento de autores com provas dadas. Assim, adotamos a metodologia de consultar três “fontes” que conferem indicações claras sobre autores e respetivos livros.

Baseamo-nos no “Rol de Livros” da Fundação Calouste Gulbenkian – título pelo qual se designa o vasto conjunto de recensões críticas sobre o que de mais relevante se edita em Portugal desde os anos 60 do século passado –, no *Dicionário de Literatura Infantil Portuguesa*, de 2002, de António Garcia Barreto, e no PNL, lançado em 2006. Gostaríamos que esta nossa indicação fosse entendida como ação para

114 Localizamos a referida lista em <http://onossocanto.files.wordpress.com/2009/07/prlsre.pdf>. Acedido junho 10, 2014.

115 Damos alguns exemplos: apresenta um título incompleto, como “A Estrela de Francisco Fernandes”; desvirtua o nome do autor, ao indicar “A Joia do Imperador, de Ana Maria Rodrigues”. Recomenda para a referida faixa etária, sem mais nem menos, o livro de poesia erótica *Antes que a Noite Caia*, de Maria Aurora Carvalho Homem, assim como dois livros da mesma autora para leitores iniciais ou infantis: *Juju, a Tartaruga* e *Loma, o Lobo-Marinho*. Indica um título de uma obra de João dos Reis Gomes que não existe: “*Novela Madeirense*”. Funde dois títulos de livro num só, a exemplo de “*O Vencedor e Camélias Brancas*, de Maria do Carmo Rodrigues”. Não transcreve corretamente o título *Olargo ou o Percurso de um Habitante*, de Ana Margarida Falcão. Perguntamo-nos, finalmente, da pertinência ou da oportunidade de incluir o *Auto da Primavera*, do Visconde do Porto da Cruz, visto tratar-se de uma peça de teatro musical, alegórica, de natureza idealizante.

destacar autores da Madeira, produtores de obras de valor abertas à fruição intelectual. Achamos, de facto, que é tão pernicioso desvalorizar como sobrevalorizar obras literárias, ainda que possamos incorrer no risco da arbitrariedade do gosto pessoal. Para minimizar esse risco, a nossa lista assenta em dois pré-requisitos: primeiro, elencámos autores ligados à Madeira com um ou mais livros recomendados pelo PNL; de seguida, seleccionámos dois livros de cada autor plasmados no espaço madeirense, ainda não indicados no PNL, que refletem fatores de ordem sociocultural e histórica.

Destacamos os seguintes escritores: Maria do Carmo Rodrigues^[116], Maria Aurora Carvalho Homem^[117], Octaviano Correia^[118], José Viale Moutinho^[119], Francisco Fernandes^[120] e Ana Teresa Pereira^[121]. Este elenco é composto por personalidades

116 O livro *Tiago Estrela*, Editorial Verbo, 2002, “recomendado para o 2.º ano de escolaridade, destinado a leitura autónoma”.

117 O livro *O Anjo Tobias e a Rochinha de Natal*, 7 Dias 6 Noites, 2009, “recomendado para apoio a projetos relacionados com o Natal na Educação Pré-Escolar, 1.º e 2.º anos”; o livro *A Cidade do Funcho – A Primeira Viagem de João Gonçalves da Câmara*, 7 Dias 6 Noites, 2008, “recomendado para apoio a projeto relacionados com História de Portugal nos 3.º, 4.º, 5.º e 6.º anos de escolaridade”; o livro *Zina, a Baleia Azul*, 7 Dias 6 Noites, 2007, “recomendado para o 3.º ano de escolaridade, destinado a leitura autónoma”; finalmente, o livro *Juju, a Tartaruga*, 7 Dias 6 Noites, 2005, 2.ª edição, “recomendado para apoio a projetos relacionados com a Natureza / Defesa do Ambiente na Educação Pré-Escolar, 1.º e 2.º anos”.

118 O livro *EFGH... Alguma Bicharada até ao Z*, 7 Dias 6 Noites, 2009, “recomendado para o 2.º ano de escolaridade, destinado a leitura orientada - Grau de Dificuldade II”.

119 Escritor incontornável da literatura para a infância e a juventude, com um elevado número de livros recomendados pelo Plano Nacional de Leitura, quer inspirados na literatura oral e tradicional, quer plasmados em ficção original. V. a revista *Solta Palavra*, Porto, CRILIJ, n.º 15, outubro 2009, que dedica um número especial ao escritor José Viale Moutinho.

120 O livro *O Sonho da Maria*, 7 Dias 6 Noites, 2008, “recomendado para apoio a projetos relacionados com História de Portugal nos 3.º, 4.º, 5.º e 6.º anos de escolaridade”; o livro *A Estrela Perdida*, “recomendado para o 2.º ano de escolaridade, destinado a leitura orientada - Grau de Dificuldade II”; finalmente, o livro *O Diogo Quer Ser Futebolista*, “recomendado para Educação Pré-Escolar, destinado a leitura em voz alta”.

121 O livro *As Duas Casas*, Relógio d'Água, 2009, “recomendado pelo Plano Nacional de Leitura, 3.º Ciclo Leitura Autónoma” e o livro *O Fim de Lizzie*, Relógio d'Água, 2008, “recomendado para o Ensino Secundário como sugestão de leitura. Também recomendado para o 3.º ciclo e Ensino Secundário,

que desempenha(ra)m papel relevante na ação e produção cultural na Região, gozando de fama e reconhecimento pela comunidade interpretativa. Todas elas se dedicaram ou têm dedicado – não exclusivamente mas regularmente – à literatura infantil e/ou juvenil, revelando um pensamento próprio e uma experiência acumulada nas áreas da animação, ensino, jornalismo e comunicação orientada para os mais novos. Naturalmente, os autores contemplados nem sempre colocaram as suas ficções num cenário madeirense. Todos eles pertencem a mais do que um espaço mental, cultural ou socioprofissional: ilha e continente, Portugal e Europa, Europa e África. Bem decerto, não serão os únicos a apresentarem estas características; porém, de momento, apenas estes escritores foram referenciados no PNL.

Os livros escolhidos podem ser entendidos como atraentes para os jovens leitores e potencialmente desafiadores de reflexão acerca da modelização do mundo; possuem, na nossa perspetiva, qualidade literária e apresentam-se como um objeto estético com valor cultural, quer do ponto de vista da educação literária e artística, quer sob o ponto de vista da relevância histórica ou simbólica. Assim, procuramos ver representadas as principais ilhas do Arquipélago, bem como aspetos relevantes da cultura e da natureza madeirenses (por exemplo, Natal, Laurissilva, Povoamento, Fauna, Tradição, Religiosidade popular, condições da vida insular passada e atual). Voltamos a repetir: o “cânone” que vamos apresentar não é concebido como um *corpus* encerrado ou definitivo, mas sempre aberto à discussão, sabendo de resto que caberá ao crivo do tempo apurá-lo:

Maria do Carmo Rodrigues

A Joia do Imperador, ilustrações de Irene Lucília Andrade, Lisboa, Editorial Presença, 1992, col. “À descoberta / 2”. [2.ª ed. 2009]

Este livro configura uma narrativa de tipo policiário, muito em voga no Portugal dos anos noventa. Os vinte e nove capítulos dão conta das férias de Paulo e de seus pais na ilha da Madeira. A viagem, que reforçará o elo às raízes e às memórias matri-

destinado a leitura autónoma de Temas Científicos”.

ciais, institui a ocasião para a mãe rever a família e a terra natal¹²². Será também a oportunidade para o jovem protagonista desvendar o mistério do roubo da joia que pertenceu a Carlos I de Habsburgo, o último imperador austro-húngaro. Na quinta do Monte, dois pretensos estudiosos da vida e obra do exilado monarca austríaco vão subtrair a joia que este oferecera ao bisavô de Dona Luísa, em sinal de agradecimento. No regresso a Lisboa, num final surpreendente, Paulo acaba por desmontar o crime quando já nada o fazia prever. Com a ajuda do comandante da TAP e da polícia judiciária, os dois ladrões e a cúmplice serão entregues à Interpol. Outros motivos relevantes neste livro merecem aqui destaque. Por um lado, esta primeira estada do protagonista na terra da mãe revelar-lhe-á – a ele e por extensão ao leitor – toda a riqueza do lugar, em particular, o Funchal e o Monte dos anos oitenta: paisagens deslumbrantes, o magnífico fogo-de-artifício de fim de ano e os museus que vale a pena visitar. Por outro, tal como acontece em livros anteriores da autora, os vetores da amizade, do companheirismo familiar e da solidariedade ocupam lugar de destaque. A ajuda do Dr. João, o tio do protagonista, a Manuel, o filho dos caseiros¹²³ da família, ilustra essa ética que a escritora tem procurado transmitir ao longo da sua obra. Assim apadrinhado, Manuel terá a possibilidade de mover barreiras sociais.

João Gomes do Gato, com ilustrações de Raul Pestana, Lisboa, Vega Editora, 2002, col. “Grandes pequeninos”.

Esta obra impõe, desde logo, um protocolo de leitura: “João Gomes”, como atesta o nome de uma das ribeiras do Funchal, reenvia para os primórdios da História da Madeira. No século XV, João Gomes (da Ilha) foi pajem na casa do Infante D. Henrique. Poeta e trovador de mérito reconhecido, os seus versos figuram no

122 Saberemos em *A Mensagem Enigmática*, de 1993, que se tratava de uma última tentativa de reconciliação entre o pai e a mãe do protagonista.

123 Na narrativa, *O Vencedor*, de 1973, no final do livro, o médico decidiu ajudar Joaquim a alcançar o sonho de uma formação emancipadora. Assim, em vez de ficar confinado ao destino que a sua condição social impõe, poderá deixar a carpintaria e enveredar por estudos em Arquitetura que lhe possibilitem um futuro melhor. Naturalmente, será dada a Manuel, o irmão de Joaquim, uma oportunidade semelhante: a de estudar no Colégio dos Salesianos para alcançar um futuro melhor.

Cancioneiro Geral de Garcia de Resende. Esta alusão à História da Ilha é inserida na ficção ao ser contada pelo Dr. Manuel da Casa Alta ao afilhado João Gomes, uma criança da Zona Velha do Funchal prestes a completar oito anos e que tem por fiel companheiro o gato Gravata. Na narrativa principal surgem encaixadas, quer “A História de João Gomes da Ilha”, quer “A História de Adão e Eva na Ilha e o que antes se passou”, quer “A História dos Corsários”; esta última permitindo compreender a importância do Forte de São Tiago, antiga fortaleza do Funchal que abriga atualmente o Museu de Arte Contemporânea. Destaque-se, igualmente, o amor filial de que o protagonista dará provas. Seu pai, Augusto Pescador, não consegue evitar o alcoolismo. Em contexto escolar, motivado por uma atividade de escrita para celebrar o Dia do Pai, o pequeno João redigirá uma carta, sob o signo do afeto, que poderá ter o condão de alterar o comportamento do progenitor.

Maria Aurora Carvalho Homem

Uma Escadinha para o Menino Jesus, com ilustração de Nelson Henriques, Vila Nova de Gaia, 7 Dias 6 Noites, 2008.

Numa época em que a sociedade tende para a massificação uniformizadora, Maria Aurora procura contrariar, através do seu projeto literário destinado à infância, a pouca visibilidade da cultura insular. Em *A Escadinha para o Menino Jesus*, a autora recorda elementos tradicionais ligados à celebração do Natal na Madeira. No pacato sítio da Achada, à semelhança de outros lugares da Ilha, a Festa¹²⁴ é vivida plenamente: desde a matança do porco à confeção de vários licores, com especial relevo para o “tintantum”, passando pelas “searinhas” que devem adornar a “escadinha”, ou, ainda, pelas tradicionais Missas do Parto¹²⁵. Jogando com as palavras saborosamente locais, tais como “semilha” (‘batata’) e “bogangas”

124 Nome que se atribui às comemorações natalícias vividas com fulgor na ilha da Madeira.

125 Celebram-se, de madrugada, nas igrejas rurais, as novenas do Natal, ou seja, a sequência de nove missas que antecedem o dia 25 de dezembro.

(‘espécie de abóbora-menina’), a autora promove a transmissão de memórias e valores de uma comunidade afastada da globalização. João evolui no seio de uma família de camponeses, numerosa e de poucos recursos. Como a imagem do Menino Jesus se partiu no ano anterior, o protagonista teme agora não poder montar o seu presépio. Numa terra onde o sentimento religioso impera, o rapazinho promete à Senhora do Chão do Litoral uma vela do seu tamanho se, por magia ou por milagre, um Menino aparecer no topo piramidal do pódio que construiu. Num derradeiro ato de devoção cândida mas fervorosa, no topo dos socacos da Achada, nessa “escadinha” que a orografia humanizada da Madeira sugere, assoma um menino, como se de uma aparição se tratasse, “coroados de constelações, os braços abertos de ternura a abarcar toda a terra”. Além de o texto estabelecer um paralelismo com a lenda de Nossa Senhora do Monte, fica a mensagem de esperança, para que o jovem leitor saiba superar as vicissitudes e os momentos difíceis que a vida comporta.

A Fada Íris e a Floresta Mágica, com ilustração de Elisabete Henriques, Vila Nova de Gaia, 7 Dias 6 Noites, 2010^[126].

Lançado no Ano Internacional da Biodiversidade, este livro valoriza a Laurissilva e sensibiliza o leitor para assuntos da proteção à Natureza. A fada Íris, figura arquetipal feminina, deve zelar pelo equilíbrio ambiental. Ora protege o ninho de um casal de pombos torcazes contra as ameaças de aves de rapina, designadamente francelhos e “mantas”; ora dialoga com um bisbis (o mais pequeno pássaro endémico da Madeira), um tentilhão e um melro-preto; ora monitoriza a paisagem de vinháticos, tis e loureiros. Assim, poder-se-á afirmar que a mensagem deste livro destinado a um público infantil se adequa, de igual modo, a um leitor adulto, visto sensibilizar para as atitudes dinamizadoras de um mundo melhor. Este livro conta com as delicadas ilustrações de Elisabete Henriques, caracterizadas por um traço estilizado, cativante, e pela paleta de cores (cambiantes verdes e ocre) que sugerem

126 V. a sua versão digital em “Descrição da atividade por Roberto Castro em 30 de maio de 2013”. Acedido junho 17, 2014, em: <http://prezi.com/tshhkrk2fv57/a-fada-iris-e-a-floresta-magica/>.

a sobreposição de mundos: o da magia, do irreal e o do conjunto natural, paisagístico, da Laurissilva. Se as magníficas ilustrações nos transportam para um mundo encantado, o glossário, no final do livro, ensina ou reaviva um vocabulário preciso, ilustrando a função pedagógica que a escritora nunca descarta. Maria Aurora recorreu, aliás, à colaboração do geógrafo Raimundo Quintal para se assegurar de que as informações nas questões ambientais são claras e cientificamente válidas.

Octaviano Correia

Histórias com Gente Dentro, com ilustrações de Eleutério Mota, Funchal, Editorial Correio da Madeira, 1995, col. “O Brinquinho”^[127].

Neste livro, Octaviano Correia reúne as narrativas que foi publicando na imprensa local. Dividido em quatro secções, “Histórias sem gente”, “Histórias com alguma gente”, “Histórias com gente dentro” e “Uma história para toda a gente”, respetivamente, a obra desenvolve narrativas inspiradas quer na tradição oral angolana (a terra natal do autor), quer na evocação de lugares e vivências na Madeira, quer no apelo à defesa do meio ambiente.

Na primeira secção, “Histórias sem Gente”, à semelhança das fábulas que antropomorfizam animais, máquinas ou objetos, exemplificam-se os valores da entreatividade, a contribuição de cada um na construção de uma sociedade mais justa e o respeito ao próximo. Em “Histórias com Alguma Gente”, quatro dos contos acentuam esses valores, bem como a defesa dos animais abandonados, a desconstrução de estereótipos e a importância da liberdade. Em “Histórias com Gente Dentro”, a escrita do autor dialoga com o referencial cultural da Ilha, lugar que adotou em 1988. Essa secção integra quatro narrativas que reenviam para as memórias do Arquipélago. A primeira alude ao “vapor”, uma edificação esguia de tabuado cons-

127 Este projeto editorial, dirigido e organizado por José António Gonçalves, não teve, infelizmente, continuidade. Único título da coleção, esta obra merecia ser mais conhecida e valorizada, não só pela qualidade do texto e da organização do livro, como também pelas ilustrações de Eleutério Mota.

truída sobre a ribeira de Santa Luzia, no Funchal, entre a Ponte Nova e o Torreão, onde se alojavam lavadeiras. A segunda evoca a lenda do tesouro escondido nas Selvagens pelo Capitão Kidd. A terceira refere a fauna específica da Região, tais como o lobo-marinho e o francelho. Por fim, na secção “Uma História para Toda a Gente”, o texto “Uma flor para sempre” representa uma pequena “parábola” que encena o definhamento do planeta Terra, devastado pela ação humana. Quando já só resta uma flor vermelha, a flor da esperança, surge um simpático extraterrestre que decide levá-la para um outro planeta, com a promessa de, um dia, a devolver ao lugar de origem. A escrita deste autor aponta sempre para uma utopia. Sublinhe-se, ainda, as doze ilustrações de Eleutério Mota (1959-). Ao dialogar com o mundo surrealizante, a linguagem icónica vem comprovar que os mais novos podem ter acesso ao mundo da Arte.

O Menino dos Olhos Azuis de Água, com ilustração de Lina Correia, Vila Nova de Gaia, 7 Dias 6 Noites, 2007.

Esta obra apresenta cinco breves narrativas em torno dos temas da Diferença e da Deficiência: o menino franzino, a visão, a motricidade em graus diferentes de incapacidade física, a surdez e a mudez. Dois dos contos não têm como pano de fundo a Madeira; nos restantes, é mobilizado um referencial regional: os arraiais e os cordofones, uma ou outra expressão regional, a alusão à “mergulhança”¹²⁸ ou a menção à zona da Barreirinha. Tal abordagem vem sugerir que todos os meninos, em qualquer latitude, merecem respeito. Ora pela valentia (“O João Bebáguas”), ora pelo dom musical (“Ana Braguinha e a sua música de encantar”), ora pela *performance* desportiva (“Joana, a campeã”) ou artística (“O Casamento de Tiago”), ora pela harmonia com o mundo que o rodeia (“O menino dos olhos azuis de água”), as várias personagens propõem os valores da superação e da aceitação na sociedade

128 A “mergulhança” era praticada por crianças e adolescentes que viviam no calhau do Funchal. Acompanhavam nas canoas os chamados “bomboteiros”, vendedores ambulantes que se deslocavam junto dos vapores para vender artigos regionais. Consistia em mergulhar para apanhar a moeda – e por vezes outros objetos – que passageiros do alto da amurada do vapor, por diversão, atiravam ao mar.

atual. São, de facto, crianças resilientes, lutadoras e com um talento inato. Uma vez mais, o escritor vem desconstruir estereótipos e vincar que o sucesso na escola, na carreira profissional e na vida pessoal, não é um exclusivo apanágio daqueles que têm aparentemente um “aspeto normal”. Este livro permite, portanto, fazer uma aproximação à Diferença e à Integração, como sucede, também, com o livro *Aliane e Zaneah* (2010), de Francisco Fernandes.

José Viale Moutinho

Histórias da Deserta Grande: uma Peça de Teatro para Bonifrates, com ilustração de Fedra Santos, Porto, Afrontamento, 2006, col. “Tretas e Letras / 44”.

Este texto foi encenado em 2008 pelo Teatro Experimental do Funchal. Apresenta a seguinte estrutura: a Ouverture, que contextualiza o cenário e a situação, e três quadros, em que se desvendam os meandros de um concurso para o melhor contador de histórias, subvertido pelo interesse pessoal do locutor, o Lobo-Lobão. Viale Moutinho ironiza sobre os concursos televisivos, expressão de uma sociedade consumista, artilosa e atenta às aparências, aqui representada pelas personagens: o Pingo Doce, a Menina Brisa (marca regional de um refrigerante) e a Cagarra. Este autor destaca-se por submeter a processos de reescrita uma tradição que é assim revisitada e recriada. Nesse concurso, os candidatos reconfiguram histórias do cânone tradicional: a História do Capuchinho Vermelho transforma o Lobo num ser inábil; o conto popular da mulher preguiçosa faz com que a protagonista, no final, abuse da ingenuidade do marido. A história do bisbis, tema recorrente na literatura oral madeirense, acaba de forma inesperada. O texto desenvolve-se ao sabor de rimas, trava-línguas, jogos de palavras, numa cadência inspirada na poesia popular, subtilmente recriados no interior deste artefacto múltiplo, lembrando que Viale Moutinho é um acérrimo defensor da literatura oral e tradicional. O final fica em aberto, permitindo (ao encenador ou aos atores) interagir com o público a quem caberá decidir o justo vencedor do concurso de melhor contador

de histórias. Assim, pela variedade de registos e níveis de interpretação, este livro pode ser apreciado por diferentes públicos.

Os Piratas do Capitão Alforreca, com ilustração de Fedra Santos, Porto, Areal Editores, 2013, col. “Pasta Mágica Literatura”.

Contam-se, neste livro, as aventuras do Capitão Alforreca (o nome não é inocente), que viaja a bordo do galeão Gavião dos Mares, mas também as desventuras do Conde Melango (amalgama de melão e morango), capitão do galeão Destrambelhado (a sina dos tripulantes deste navio está assim traçada). Nessa dicotomia humoristicamente implícita nos nomes, o jovem leitor – a quem o narrador se dirige no prólogo do enredo – vai conhecer as andanças de bons e maus piratas: os que, à imagem de Alforreca, roubam os poderosos e facínoras e os que, à semelhança de Melango, usam dos mais ardilosos estratagemas para traficarem homens e mulheres indefesos.

Este livro é, pois, um apelo à liberdade do Homem e à fraternidade entre povos. Mas, além da ajuda que o capitão Alforreca dá ao rei Garra de Leão, uma vez que o liberta das malhas da escravidão, levando-o de volta à sua Guiné natal, esta narrativa dialoga, também, com a lenda do capitão Kidd. O Conde Melango tenta negociar a sua liberdade, prometendo encontrar o tesouro do capitão Kidd que, reza a lenda, estará enterrado na ilha Selvagem. O Capitão Alforreca, por sua vez, graceja com todos aqueles que acreditam nessa história. Haverá ou não um tesouro ao largo da Madeira?

As divertidas ilustrações de Fedra Santos (1979-), habitual cúmplice do autor na confecção de livros para a infância, contribuem para que o jovem leitor conheça a história da escravatura, a geografia da sua região e uma das lendas – o tesouro do capitão Kidd – relacionadas com o Arquipélago. Consta que esta história vai inaugurar a série das aventuras do Capitão Alforreca.

Ana Teresa Pereira

A Casa da Areia, com ilustração de José Miguel Ribeiro, Lisboa, Editorial Caminho, 1991, col. “Labirinto”. [esgotado]

Nesta narrativa, os heróis deslocam-se até à ilha de Porto Santo, num mês de setembro morno, ligeiramente chuvoso. Mónica, David, Cristina e João, acompanhados pelo cão *Charlie*, vão deslindar o enigma em torno de um indivíduo que dizia ser o escritor espanhol Rafael Estrada, autor de *O Castelo sem Fundo*.

Fátuo e teatral, esse novo amigo de Carla, a mãe de David e Cristina, não agrada ao grupo de jovens, que deteta nos seus discursos algumas incongruências reveladoras da sua impostura. Os protagonistas vêm ainda a saber que ele alugou uma casa isolada, que os populares dizem assombrada. Decidem rondar a casa e nela entrar, porque viram “uma figura humana que logo desapareceu” (p. 36) por trás das cortinas da janela do sótão. João é apanhado pelo espanhol que o prende num dos quartos da casa. Ao estranharem a sua demora, os amigos lançam-se à sua procura. Entram na moradia “assombrada” e são também apanhados, à exceção de Mónica que ficara de vigia. É ela quem vai tirá-los dessa situação desconfortável. De seguida, encontram a passagem secreta para o sótão onde vive o verdadeiro escritor. Este confirmará o segredo que David descortinara: o verdadeiro Rafael Estrada isola-se do mundo para poder escrever, enquanto o irmão mais novo, Juan, o substitui na vida social, já que não conseguira vingar como ator de teatro.

Neste sentido, *A Casa da Areia* inaugura na série a conceção do duplo, um tema recorrente dentro da literatura fantástica e muito presente no mundo de aventuras destes heróis. A escrita despojada de Ana Teresa Pereira incorpora assim aspetos formais e simbólicos, numa transfiguração literária que concilia real e mistério, força espiritual e poder imaginativo.

A Porta Secreta, com ilustrações de Eduardo de Freitas, Lisboa, Relógio d'Água, 2013, col. "Universos Mágicos".

Organizada em catorze capítulos e um epílogo, esta obra relata várias mudanças ocorridas na família de Miguel, Sara e Ema, à qual se juntará, num primeiro momento, Tommy, um cão adotado na SPAD (acrónimo para Sociedade Protetora de Animais Domésticos), e Lucy, uma gatinha abandonada, e, por fim, Will, um artista inglês. Esta narrativa de receção juvenil dialoga quer com narrativas de suspense e de aventuras, quer com histórias de espanto e encantamento. Com efeito, uma porta secreta separa o mundo real, o da nova casa desta pacata família, de um mundo que roça a irrealidade, o da casa da Quinta dos Cedros (inspirada, na realidade, na Quinta Palmeira no Funchal), pertença de uma família inglesa, há muito tempo afastada da Madeira. Como acontece no imaginário de Ana Teresa Pereira, o acesso à casa misteriosa representa uma espécie de percurso iniciático, de perseguição e de uma fuga ao quotidiano. No início da narrativa, adensa-se o fascínio até à descoberta do jardim das rosas, do jardim das lagoas, de Will Swift e, mais tarde, do interior da casa fechada, propriedade do meio-irmão deste jovem pintor. As quatro ilustrações de Eduardo de Freitas (1955-), cúmplice habitual de projetos editoriais da autora, pontuam alguns momentos marcantes: a descoberta da casa grande, o primeiro contacto com Will, que acabará por ficar a viver com eles na Ilha, a aparição de Ema nos jardins da quinta, os dois irmãos dispostos a indagarem o mistério da casa inabitada. Significativamente, esta ficção configura um mundo sem computadores, nem telemóveis, nem novas tecnologias, privilegiando a busca da essência e a viagem no mundo interior de cada protagonista. A narrativa vai então destacar os momentos de convívio, o diálogo inter-geracional e o gosto pelas linguagens artísticas. Como é recorrente na escrita de Ana Teresa Pereira, o jovem leitor poderá descobrir todo um conjunto de referências culturais enriquecedoras, quer musicais, quer cinematográficas, quer ainda literárias e picturais. Em última análise, a autora parece construir uma adolescência mítica, baseando-se provavelmente na idade de ouro que experienciou.

Francisco Fernandes

Alguém Avisou o Pai Natal?, com ilustrações de Raquel Leitão, Porto, Arca das Letras, 2007, col. "Infantil".

Este livro relata a mudança de casa de uma família madeirense, em plena época da Festa (termo que na Ilha designa o período do Natal). Na azáfama da mudança, a preocupação da pequena Catarina é grande: receia que o simpático velhinho de barbas brancas não encontre o caminho da nova casa para aí depositar os livros pedidos na carta que ela lhe endereçou. O texto versa assim sobre a promoção da leitura e a valorização do livro. Mas não só: elo entre gerações, símbolo de sabedoria e de experiência, será o avô a tranquilizar a neta, garantindo-lhe que o Pai Natal saberá descobrir, para seu regozijo, a nova morada. Na noite de Natal, Catarina vai deparar-se com uma caixa de madeira repleta de livros. Esses livros vão, naturalmente, "preencher de magia as suas férias". Diga-se, ainda, que a ilustração traduz o ambiente festivo e frenético que o texto ficciona por via do colorido e do traço humorístico de Raquel Leitão (1981-).

*O Enigma do Código *uSn*, Vila Nova de Gaia, 7 Dias 6 Noites, 2009.

Plasmada na *formula fiction* e destinada a um público juvenil, entre os 10-14 anos, esta obra apresenta todos os elementos necessários à narrativa de mistério e de indagação. A intriga decorre à volta do furto de sinos das igrejas do Funchal, sendo que o objetivo dos meliantes era comercializar o bronze. Neste livro, que inaugura a série "O Enigma", o escritor vai conciliar várias linguagens e diversas informações para que um mistério seja desvendado por quatro pré-adolescentes, Margarida, Rodrigo, João Pedro (J.P.) e Rebeca (Becas), que frequentam a Escola Básica e Secundária "Horácio Bento de Gouveia", no Funchal. Francisco Fernandes encena as aventuras de personagens voluntárias e perspicazes, apresentadas como jovens exemplares, pertencentes à atual classe média, com gostos e comportamentos reveladores do mundo em construção de que fazem parte. Efetivamente,

o universo cultural do adolescente aí descrito espelha indústrias do entretenimento e as novas plataformas de comunicação, em que predominam letras de canção em Inglês, séries televisivas e mensagens curtas numa linguagem informal, sem deixar de considerar todo o tipo de documentos como mapas, a tabela periódica da Química, fotografias, cartas, recortes de jornal. Note-se que o autor não se dirige apenas aos jovens; Francisco Fernandes previu “um capítulo para pais e professores/educadores”. Nesse capítulo à parte, aconselha encarregados de educação e docentes a acompanharem os educandos no mundo da *internet*, para obstem os perigos que também comporta. Estão, pois, indicados alguns “sítios” que facultam a informação necessária para uma vigilância subtil, mas cada vez mais imprescindível face aos potenciais perigos que as redes sociais encobrem.

3. Considerações finais

Numa era em que a atitude acrítica e mecanicista se insinua como mediação hegemónica do conhecimento, a literatura pode desempenhar um papel significativo na formação das novas gerações, no tocante ao imaginário e à memória, aos saberes e aos afetos. No momento em que se fala de introduzir conteúdos regionais nos programas das escolas da Madeira, convinha debater descomplexada e serenamente os valores e os conhecimentos que a Instituição de Ensino deve veicular, de forma a possibilitar a atualização do “cânone” literário regional, mobilizando toda a sociedade madeirense para se constituir como um espaço educativo.

Nesta perspetiva, temos vindo a abordar esta problemática nas nossas aulas, sobretudo junto de (futuros) Educadores e Professores do Ensino Básico, dando-lhes a conhecer livros e autores reconhecidos pelos seus pares, pelos estudiosos, em particular, e pela sociedade, em geral. Nessas aulas, insistimos, por exemplo, na importância da leitura em arte, observando e descrevendo o artefacto, a linguagem pictórica, os materiais utilizados na confeção do livro, a relação texto-imagem, o modo de narração. Sensibilizamos, igualmente, os alunos para a ideia de que deve ser a própria comunidade – sempre que a qualidade sobressaia – a reconhecer e a

apoiar, valorizando-os, os livros e os autores que cativam e estimulam o pensamento.

Mal conhecida e pouco estudada, a literatura produzida na Madeira não goza de grande prestígio. A própria comunidade revela, muitas vezes, indiferença em relação aos seus agentes e respetivas obras. Para inverter esta situação, será necessário tomar medidas, tais como:

- criar uma equipa multidisciplinar, composta por professores, ensaístas, escritores, ilustradores e técnicos informáticos que, conjuntamente, criem ferramentas de trabalho e as tornem acessíveis num site (ficha técnica / indicações sobre o autor e o ilustrador; sinopse esclarecedora do livro, indicação da faixa etária a que se destina o livro, manuais e e-books com aplicação em contexto de sala de aula, etc.);
- retomar a publicação de antologias (por épocas, assuntos, temas) a pensar não só na própria comunidade local e nacional, mas também nas comunidades diaspóricas, falantes da língua portuguesa e amante da(s) sua(s) cultura(s) e literatura(s);
- publicar regularmente uma *newsletter* com leituras orientadas para os pais, em geral, e para os educadores/professores, em particular, de modo a poderem, conscientemente, escolher os livros mais indicados para os jovens destinatários, desde a mais tenra idade;
- estreitar o diálogo com os animadores de biblioteca e agentes culturais, para que, em conjunto, contribuam para a multiliteracia. As atividades exercidas fora do contexto de sala de aula (rodas de leitura, ateliers de leitura, escrita e dramatização), as atividades nas bibliotecas e em museus – estimulantes e reflexivos nas suas funções –, as visitas animadas em exposições, feiras e festivais podem, efetivamente, ser uma ajuda preciosa.

Todavia, todo este trabalho corre o risco de ser em vão, se o gosto pelo livro e o hábito de leitura não forem também encorajados em casa. Só com toda a sociedade mobilizada, é que se poderá alcançar bons resultados nesta matéria.

Referências bibliográficas

- Andrade, I. L. (2013). *Um Lugar para os Dias*. Lisboa: Chiado Editora.
- Balça, A. (2008, junho 2). Literatura infantil portuguesa – de temas emergentes a temas consolidados. [E-F@BULATIONS / E-F@BULAÇÕES]. Acedido março 21, 2013, em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4668.pdf>.
- Barreto, A. G. (2002). *Dicionário de Literatura Infantil Portuguesa*. Porto: Campo das Letras.
- Bloom, H. (2013). Uma elegia em louvor do cânone. In *O Cânone Ocidental. Os Grandes Livros e os Escritores Essenciais de Todos os Tempos* (5.ª ed.). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Cocco, M. H. (2009, dezembro). O Lugar da Literatura Regional no Ensino. *Ecos* 8, Universidade do Estado de Mato Grosso, 55-60. Acedido junho 8, 2014, em: http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_08/55_Pag_Revista_Ecos_V-08_N-02_A-2010.pdf.
- Collot, M. (2014). *Pour une géographie littéraire*. Paris: éditions José Corti.
- Collot, M. (2005). *Paysage et poésie, du romantisme à nos jours*. Paris: éditions José Corti.
- Gamboa, M. J. (2012, novembro 15). A construção escolar do Plano Nacional de Leitura português: do discurso político às práticas. *Revista Iberoamericana de Educación*, 60/3, 1-9. Acedido junho 21, 2014, em: <http://www.rieoei.org/deloslectores/5426Gamboa.pdf>.
- Martins, M. A. & Niza, I. (1998). *Psicologia da Aprendizagem da Língua Escrita*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Paraskeva, J. & Morgado, J. (1998). Autonomia curricular: uma nova ferramenta ideológica. In Pacheco, J., Paraskeva, J. & Silva, A. (org.), *Reflexão e Inovação Curricular*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho.
- Paré, F. (2003). *La Distance habitée*. Ottawa: Le Nordir.
- Ramos, A. M. (2009). Uma década de produção literária para a infância (2000-2010). *Solta Palavra* 17. Porto: CRILIJ, Centro de Recursos e Investigação sobre Literatura para a Infância e Juventude, 3-10.
- Viart, D. & Vercier, B. (2008). *La Littérature au Présent*. Paris: Bordas.

Maria Glória Franco

Maria João Beja

Maria Luísa Soares

Ana Pereira Antunes

Centro de Artes e
Humanidades da
Universidade da Madeira

OLHARES DA PSICOLOGIA SOBRE OS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR: O CASO DA UNIVERSIDADE DA MADEIRA

O ingresso no ensino superior inaugura uma nova etapa de vida para muitos jovens que, a exemplo de outras mudanças que o percurso académico envolve, interfere com diferentes processos do desenvolvimento, desde os processos adaptativos, estendendo-se aos processos cognitivos, afetivos e conativos. É mais um momento na vida dos indivíduos de intensificação dos processos de crescimento, na longa caminhada que é o desenvolvimento.

Durante algum tempo a comunidade científica não se mostrou muito atenta à importância deste fenómeno, sendo que os estudos sobre os estudantes do ensino superior em Portugal são muito recentes, datando, na sua maioria, dos anos 2000. No entanto, já são muitos os estudos realizados.

Numa pesquisa feita no Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP), encontramos, com o descritor “estudantes do ensino superior”, 4686 documentos inventariados até à data¹²⁹, dos quais 452 são de 2009, 577 de 2010, 718 de 2011, 726 de 2012 e 684 de 2013. De entre estes 225 são teses de Doutoramento e 1381 são dissertações de Mestrado, o que nos permite afirmar que esta é, hoje em dia, uma área de estudos de intensa investigação e importância em Portugal. Estes trabalhos distribuem-se por diferentes áreas, designadamente a Saúde, a Educação, a Sociologia e a Psicologia.

129 Esta pesquisa foi realizada no dia 30 de maio de 2014.